

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 25 Março 2015**

*Texto de referência: L. Giussani, Porquê a Igreja, Verbo, 2004, pp 39-76.*

- *Inno delle scolte di Assisi*
- *Negra sombra*

Há muitos anos num dia como hoje, começou aquela irrupção na história que torna possível ao homem estar unido. É necessária a simplicidade de coração de Nossa Senhora para poder ver que isto é possível, que tudo se torna cheio da Sua presença.

*Angelus*

Tínhamo-nos proposto como trabalho o terceiro capítulo do *Porquê a Igreja*, no qual *don Giussani* nos ajuda a perceber qual é a origem da nossa dificuldade em compreender o significado das palavras cristãs, oferecendo-nos uma hipótese. Porque é que nós temos esta dificuldade? Porque é que sentimos tantas vezes esta estranheza? A origem é «uma falta de sintonia original» (p. 39) com aquilo que queremos conhecer. E dá o exemplo dos alpinistas que antes de iniciarem a subida já estão cansados. Por isto, pelo facto de termos nascido numa situação histórica assim, vejam quanto paciência não é necessária para aceitar fazer uma estrada que nos consinta não dar um murro na mesa e dizer: «Não é possível»!. Entretanto tivemos o acontecimento de Roma, o encontro com o Papa Francisco, no qual todos participámos, de uma forma ou de outra – a maioria de nós estava presente na praça. Tendo participado, tendo feito experiência qualquer um de nós tem a possibilidade de ver o que aconteceu. Um gesto assim não nos desvia da Escola de Comunidade, mas pelo contrário, torna-se um teste para perceber de que modo nos fez vencer a estranheza de que fala *don Giussani*. Não é que por um lado exista a Escola de Comunidade e por outro o gesto de Roma, como se não tivesse nada a ver. Começamos o nosso trabalho.

*Tornou-se-me um pouco mais claro o que quer dizer o desmoronar das evidências, no sentido que, para mim esta expressão assume quotidianamente o significado de perder de vista a verdade das coisas, perder de vista o ponto. Diante daquilo que me acontece em cada dia, corro um pouco o risco de dar prevalência a uma interpretação minha dos factos filtrada pelo sentimento, pelo estado de ânimo, por aquilo que penso ao ponto de já não saber distinguir a verdade das coisas na sua concretude da minha interpretação. Como é que me dou conta deste caos? A maior parte das vezes não estou contente, as coisas não batem certo. Então, o meu interesse não é ter razão ou ter uma confirmação daquilo que penso, mas é encontrar qualquer coisa que me salve, porque as coisas, como eu as vejo, não são suficientes. A este propósito, vinha-me à cabeça a canção do Chieffo: «Mas que amargura, meu amor,/ ver as coisas como eu as vejo». Ou seja, não bastam. Por isso a minha pergunta é, como é que se pode sair deste equívoco? Porque eu não posso renunciar àquele impacto que as coisas inevitavelmente suscitam em mim, contudo, dou-me conta que a maior parte as vezes o meu juízo é limitado e não tem em conta tudo.*

O gesto de Roma deu-te algum contributo, alguma sugestão, fizeste alguma experiência que te ajudou a perceber o que te faz sair deste equívoco?

*Sim: que existe um ponto objectivo para o qual posso voltar a olhar*

E qual é o ponto objectivo para onde podemos voltar a olhar para não ficarmos embrulhados na bola de neve das nossas interpretações?

*No caso de Roma foi evidente porque estávamos diante do Papa que nos indicou...*

Mas não basta, porque participámos muitos e cada um pensou da sua forma. Se nem um gesto importante como este nos salva das interpretações, o que é que é preciso? Tu olha para o que te aconteceu, porque isto é aquilo que te ajuda a perceber.

*Reli o capítulo da Escola de Comunidade com uma pergunta um pouco diferente. Conheço muito bem este capítulo, por ter muitas vezes tentado compreender o nosso contexto cultural; mas nestas semanas reli-o com uma pergunta mais pessoal, que posso exprimir assim: procurei perceber onde e como se insinua em mim aquele marginalizar Deus da vida que assinala a passagem da idade média – diz o capítulo: Deus tem a ver com tudo – para a época moderna, caracterizada pela dificuldade em considerar o religioso determinante de tudo. A pergunta é: onde vejo esta alternativa em mim e em nós, que se calhar vamos todos os dias à Missa, que começamos as refeições com o sinal da cruz, etc., que temos imensas ajudas? Existencialmente na minha vida parece-me que se insinua mesmo num verdadeiro ateísmo prático, nunca teorizado, quando a minha relação com a realidade e com as pessoas é governada por um projecto meu, em vez de ser vivida como uma resposta a qualquer coisa que acontece. Vejo mesmo na minha vida uma nítida alternativa entre pensar no meu tempo e na minha acção como projecto ou como resposta. É o projecto que tende a suprimir completamente o Mistério, porque no fim de contas sobrepõe-se à realidade, e sobretudo às pessoas, algo que nas minhas intenções pode também ser bom, mas que força os dados do real (sente-se uma desafinação) e a liberdade das pessoas. Para mim, este é talvez o maior sintoma do meu afastamento do Mistério, que revela uma concepção autossuficiente de mim, presunçosa, dirigida ao êxito e ao sucesso tanto nos âmbitos profissionais como nas relações, mas paradoxalmente até no âmbito religioso. Muitas vezes descobri que este projecto chega até ao paradoxo de procurar imaginar como fazer acontecer o milagre ou qualquer coisa que salve alguém que me importa. Este projecto é inevitável e inexoravelmente, na minha vida, a maior fonte de amargura e de ressentimento, ou pelo menos de desilusão. Quando vejo uma alternativa completamente diferente, noto que são dias ou momentos destinados a surpreender e favorecer os sinais que acontecem, a segui-los, talvez com entusiasmo, desprendida, mesmo com uma certa audácia. É seguir qualquer coisa que aconteceu antes. No fundo, quando é assim, dou-me conta que domina um olhar pronto a compreender uma Presença que sei que existe. E esta alternativa entre o projecto e a resposta, entre projecto e o sinal, não são só momentos grandes da vida, dou-me conta que se insinua mesmo em todas as pregas do quotidiano, no trabalho, nas relações com a família, com os amigos, como pensas nas férias, como tomas uma decisão banal; e vejo que nesta alternativa se joga toda a possibilidade de letícia e de fecundidade. Parece-me que talvez o maior aliado no chamar-me àquela posição que sei ser mais promissora é paradoxalmente aquilo que nunca quererei perceber, isto é, uma consciência que queima o meu limite e também - ousa-o dizer porque o disse o Papa – do meu mal.*

*Porquê?*

*Porque me restitui a mim mesma, restitui um olhar real sobre mim, e não uma projecção ou uma imagem que eu sigo de mim mesma; porque no meu verdadeiro eu há esta experiência do limite e do mal.*

*Como é que isso te ajudou a viver o gesto de Roma?*

*Isso foi para mim o ponto absolutamente decisivo. Porque regresssei com a percepção de uma forte inadequação. E diante disto, ouvir o Papa falar como falou da misericórdia e do pecado – se não me engano disse: lugar privilegiado do encontro – foi uma coisa que literalmente me re-escancarou para um desejo grande e pronto a reabrir e a procurar aquilo que ali encontrei como particularmente correspondente.*

*Escrevi-te porque senti verdadeiramente a necessidade e efectivamente ainda a sinto. E isto é um ponto que, para mim, não é óbvio, porque ultimamente, poderei dizer desde o Natal, sinto-*

*me bastante bloqueado sobre as coisas e pelas coisas, por aquilo que faço e por aquilo que me acontece. Parece-me já não ter exigências, sede, fome, viver insipidamente uma vida que por si não é insípida, mas não sentir a necessidade do sal. Sinto o meu modo estar diante da realidade faltoso, não é frutífero, por vezes não é verdadeiro. Ou é violento, isto é, procura agarrar o mais possível por todos os meios, ou ao invés é vazio. Parece-me que já nada consegue comover-me.*

*No terceiro capítulo, no parágrafo terceiro, terceiro ponto, fala-se do humanista e da sua concepção de um Deus com o qual a totalidade do real já não tem a ver. Cito: «O interesse pelo qual vale a pena viver já não tem a ver com Deus, pois os desejos e juízos que já não são unificados em Deus » (p.51). Quando li isto sobressaltei-me, porque é exactamente aquilo em que eu me estou a tornar. E esta é a posição com que se começa a olhar de forma parcial o real, com a consequente desarticulação e a abstracção de Deus. Posso pois afirmar que esta é decididamente a descrição de mim mesmo. Eu vinha carregado do que tinha sido para mim o Natal, dos gestos em que tinha participado, das coisas que tinha feito, e viver a Encarnação de maneira grande e viva tinha-me tornado efectivamente pleno e grato.*

*Depois tudo isto foi como que nada. Dava-me conta que aquela plenitude tão verdadeira e grande já não se repercutia. De todas as coisas que vivia já não ficava nada, fosse o bem ou o mal, deixava-me viver das coisas que fazia, deixo-me ainda viver das coisas que faço. Depois, noutra dia estava a falar com um padre que me disse: «Olha que tudo isto se reconduz ao facto de teres perdido o ponto focal, o centro, perdeste o amor entendido como objecto do amar». É verdade, já não tenho um centro, uma qualquer coisa pela qual valha a pena viver as coisas que faço. E descobri, sobretudo depois do Natal, que fazer as coisas para alguém é a chave para as gozar verdadeiramente. E esta falta faz-me desviar da direcção. Por isso a pergunta radical que quero fazer-te é esta: como é que eu faço, fraco como sou, para me recolocar no ponto? Como posso voltar a dizer: para mim viver é Cristo? Estou convencidíssimo que deste modo se vive melhor e com o cêntuplo no bolso. Mas este meu “humanismo” de que fala a Escola de Comunidade não me abandona, ou então sou eu que não o quero abandonar.*

*E tu tens qualquer coisa na tua experiência que te dá alguma sugestão para responder à tua pergunta?*

*São tantos os momentos, efectivamente tantos, nos quais eu era mais como no Natal, era pleno, era grato. E dizia-me: encontrei aquilo que procurava, melhor, encontrei aquilo que procuro. Mas era uma coisa, não digo passageira... Por vezes depois desviava-me do sentido, porque estava centrado em mim e pensava em mim.*

*E o que é que isto te faz perceber de ti?*

*Que tenho sempre necessidade de um ponto.*

*É isto que espanta! Porque tantas vezes pensamos que o encontro cristão põe tudo em ordem de uma vez para sempre e depois encontramos-nos de novo diante – como dizes – de um conjunto de pedaços que não conseguimos compor numa unidade.*

*Exacto.*

*Porque é que acontece esta fragmentação?*

*Acontece por uma falta de empenho com o real. Leio um excerto que me surpreendeu ao ler o capítulo: «A origem desse enfraquecimento de uma mentalidade orgânica no que diz respeito ao problema religioso, encontra-se numa possibilidade permanente do espírito humano, numa triste possibilidade de total falta de empenhamento autêntico, de interesse e curiosidade pelo real na sua totalidade.» (p.48) E um pouco antes: «A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência, nela produzindo problemas em diversas escalas. O problema é a expressão dinâmica de uma reacção face aos encontros provocadores. E o significado da vida – ou das coisas pertinentes e importantes da vida – só é uma meta possível para quem estiver empenhado com a problemática total da própria vida. (p.46) Portanto, é*

*uma falta de empenho com o real. E isto é o que eu surpreendo – primeiro – no meu agir, na realidade. Mas é o que surpreendo, incredivelmente, sobretudo com a caritativa que fazemos – ajudamos as pessoas a encontrar trabalho – porque uma pessoa que perde o trabalho, antes ainda da dramaticidade enorme que é não ter uma remuneração, perde este nexos com o real, este empenho com o real. E isto faz com que não se mova. Por isso, a primeira ajuda é colocá-lo em nexos com o real, trabalhando, nem que seja, gratuitamente, algumas horas por dia. Há um mês, encontramos um rapaz (vinte e um anos), que estava desempregado há seis meses. Estava bloqueado, fechado. Eu disse-lhe: «Olha, temos de voltar a empenhar-nos com a realidade, porque se não nos empenharmos, já não conseguimos mover-nos.» Ele disse-me: «Tens razão! Porque eu sou um apaixonado pela música, componho e toco música, mas desde que fiquei desempregado e tenho todo o tempo à disposição, nunca mais compus nem toquei.» Voltámos a falar três semanas depois. Telefonei-lhe para saber como estava e ele disse-me: «Encontrei trabalho. E voltei a tocar».*

Tu contaste-me também daquele pedreiro que não conseguia deixar de trabalhar. Houve um alvoroço na empresa e por essa razão os trabalhadores não recebiam o ordenado e, enquanto todos faziam greve, um deles, depois do que lhe aconteceu no encontro convosco, continuava a trabalhar. E isto durante vários dias. Até que chega a uma parte do trabalho para o qual não tinha as competências técnicas e vai ter com um colega especialista no assunto (que fazia greve como todos os outros) para pedir conselho. E este diz-lhe: «Explica-me lá, porque é que tu trabalhas?». «A mim aconteceu-me alguma coisa por isso já não posso deixar de trabalhar, não posso estar aqui sem fazer nada. Podes ajudar-me a resolver esta questão técnica?». O diálogo acaba ali. No dia seguinte, o pedreiro vai, como habitualmente, trabalhar e encontra este colega que começa a trabalhar com ele dizendo: «Em quarenta anos nunca vim trabalhar tão contente como hoje!». O que é que une e desperta assim o eu? Não um esforço titânico, mas aquilo que disse o Papa em Roma – temos de olhar para isso como um tesouro para começar a perceber o que acontece: a moral não é fruto de um esforço, mas sim resposta comovida a alguma coisa que acontece. Vejam: o que é que suscitou no colega que não trabalhava este empenho curioso com a realidade? Ver alguém que trabalhava. Imaginem que luta interior todos aqueles dias, diante de alguém que trabalhava apesar da greve: «E este aqui?», «E este aqui?», «E este aqui?». É este empenho curioso com o real que, a uma dada altura, o fez dizer: «Mas explica-me uma coisa: como é possível que continues a trabalhar?». E o outro não pode deixar de contar o que lhe aconteceu no encontro com Cristo, para o fazer despertar e poder acompanhá-lo nesse empenho com o real na sua totalidade, para que a vida se possa tornar plena. Esta unidade nasce a este nível. Portanto é preciso ter presente todos os fatores para poder descobrir diante dos nossos olhos de onde vem esta possibilidade de unidade do eu que todos desejamos. Então, podemos verdadeiramente começar a perceber, porque este é um desejo de todos, não é preciso, como às vezes pensamos, forçar as pessoas. Uma pessoa que me escreveu dizia que, por vezes, quando alguém não percebe como ela a verdade das coisas, tem vontade de forçar a liberdade do outro: «Às vezes não amo a liberdade do outro, gostaria de a forçar diante daquilo que percebo como verdadeiro. Como é possível amar o outro pelo que ele é, mesmo quando não reconhece como verdadeiro aquilo que é verdadeiro para mim e amar a verdade inteiramente?». Como se pode desafiar a liberdade do outro sem a forçar?

*Estou a lembrar-me de um rapaz do primeiro ano que estuda na mesma universidade que eu, vem da Sicília como eu, eu estou no quarto ano aqui em Milão. Um dia, quando estávamos a estudar juntos, contou-me como estava a viver; sobretudo o facto de lhe custar muito porque tem todos os familiares e amigos na Sicília e mora num apartamento com outros rapazes; não falam uns com os outros, zangou-se com um deles. Na relação connosco – estudámos, comemos, estivemos juntos – pouco a pouco começou a mudar: surpreendia-se com tudo, surpreendia-se com o modo como comemos juntos, como estudamos, como estamos juntos.*

*Então, passado algum tempo, perguntei-lhe: «Queres vir connosco a Roma ver o Papa?». Disse-me logo que queria. Quando estávamos a caminho de Roma, no autocarro, disse-me: «Olha, tenho que te contar uma coisa que me aconteceu ontem [tinha-o convidado e foi à Escola de Comunidade]. Eu, pelo modo como vos vi viver durante este tempo, pelo modo como fiz o exame estando convosco... Eu só te conheço melhor a ti, no entanto é como se todos me quisessem bem, sinto-me acolhido como numa família, nunca vi uma coisa assim. Pelo modo como vos vi estar juntos, no dia a seguir à Escola de Comunidade, à noite, voltei para casa e esperei pelo rapaz com quem tinha discutido para lhe perguntar como estava. No frigorífico, cada um tem um compartimento para si com as suas coisas. Eu tinha um bocado de salmão quase no fim do prazo de validade e disse para mim: se calhar até sou capaz de o partilhar com ele». E, pela primeira vez, comeram juntos, um diante do outro. Quando chegámos à praça de S. Pedro, ainda antes do Papa falar, quando no vídeo don Giussani falou de André que regressa a casa, comecei a chorar porque olhando para este amigo pensei: aconteceu-me a mim e a ele o mesmo que aconteceu há dois mil anos atrás. Quando don Giussani disse: «Sem demasiadas subtilezas, isto aconteceu», veio-me à memória este episódio que te contei: a mesma casa, os mesmos rapazes, no entanto ele voltou de tal modo preenchido da Escola de Comunidade que se pôs novamente a falar com o colega do apartamento com o qual tinha quase chegado à pancada. Depois de Roma fui para Nápoles; passados três dias voltei para Milão e todos os meus colegas de curso me perguntaram: «Como correu em Roma?». Mas, como? Eu só tinha falado sobre isso com aquele novo amigo. E tinha sido ele a falar a todos durante aqueles dois dias! E assim que me viu pediu-me a Tracce (Passos). Anteontem estávamos a almoçar com os meus colegas de curso; era quase a hora do Angelus e eu pensei: como faço agora para dizer aos meus colegas que vou rezar? A certa altura, aquele rapaz levantou-se, voltou-se para eles e disse: «Eu vou fazer uma oração com ele, querem vir?». Falando do colapso das evidências, quando olho para este novo amigo dou-me conta de todas as evidências que eu dou por adquiridas.*

E, na tua opinião, porque é que este rapaz conseguiu identificar assim tão claramente aquela diversidade que vocês viviam? Porque em cada coisa que vivemos fazemos todos a verificação daquilo que estamos a ler nestes capítulos. O que é que o permitiu reconhecer aquela vida que é a Igreja através da modalidade com que vocês comiam, estudavam, viviam?

*Na minha opinião – se penso também em mim - o facto de sentir necessidade.*

A necessidade! Afirma tal e qual, literalmente, Giussani. Não é que este amigo tenha pensado na necessidade, mas foi a necessidade que o fez interceptar a vida! Pela necessidade que tinha, identificou de imediato a resposta. E onde é que isto se vê? Naquilo que mudou nele, que não foi o resultado de um treino, de um esforço – eis de novo a origem da moral. É isto que agora devemos tentar reconhecer na experiência: que factos acontecem entre nós que nos ajudam a perceber as palavras que o Papa nos disse, não como um discurso abstrato, mas como espanto diante daquilo que acontece. Porque, acontecer a um rapaz que não fala durante meses com alguém com quem vive, de repente ter vontade de esperar por ele e de jantar com ele, de onde nasce este desejo a não ser da resposta comovida a alguma coisa que lhe aconteceu? E assim por diante. Esta unidade, que não é somente unidade do eu, mas também unidade com os outros, de onde nasce? É um esforço? É uma coisa que geramos nós metendo-nos de acordo? Também a nós acontece a mesma experiência que fazem os dois apóstolos que, afastando-se d'Ele, “despedem-se sem se despedir” porque “possuem” a mesma coisa. É isto que nos permite perceber.

*Quando voltei de Roma, comecei a perder-me em mil análises do que tinha percebido ou não tinha percebido do discurso do Papa.*

E o que é que te salvou da avalanche das análises, do racionalismo das interpretações?

*Foi uma pessoa, que não é do movimento, que nós convidámos para vir a Roma connosco, e que alguns dias depois me escreveu esta mensagem: «A vida é estranha. Uma pessoa vai avançando como pode e depois acaba em Roma com pessoas verdadeiras e recebe delas uma carga de pilhas de lítio. E depois volta para casa e a carga não acaba. É a primeira vez para mim. Era sempre como uma injeção de antibiótico que atenuava a dor, mas a doença era crónica e depois vinha a recaída. Obrigado». Isto, para além de me comover, também me fez perceber melhor a passagem do Papa, no início: «Na nossa vida, hoje como no tempo de Jesus, tudo começa com um encontro».*

Um encontro que não é simplesmente qualquer coisa que atenua a dor. Por isso, é demasiado pouco quando entre nós só procuramos um paliativo. A questão é encontrar uma plenitude que nunca mais se perca.

*Estudo na universidade, e queria contar-te a descoberta que fiz graças ao encontro de Roma. Eu não fui a Roma porque os meus pais não quiseram que fosse. Quando os meus amigos me fizeram a proposta, questionei-me muito se devia ir, se valia mesmo a pena, porque não me parecia certo ir sem estar disso segura. Depois de lida a tua carta e depois de me confrontar com amigos, percebi que seria mesmo importante para mim ir e estar presente na audiência, uma vez que representava de maneira totalizante o encontro que fiz com o movimento na universidade. Certa das minhas motivações, decido propô-lo aos meus pais, os quais, sem ouvir nem levar a sério as minhas palavras, me proibem de ir. Mesmo que insistisse, as justificações dadas pelo meu pai eram: «Já tens muitas atividades. Não podes fazer sempre tudo. Tens que fazer escolhas. Estás demasiadamente pouco em casa. Não existe só o movimento». Triste e desiludida, passo todo o período seguinte até ao dia do encontro a sufocar neste clima, sem conseguir convencer os meus pais e a ver todos os meus amigos que se preparavam para ir a Roma. Naquela manhã do encontro tive que sair de casa, e pedi ao meu pai se podia gravar em vídeo o evento. Volto a casa e encontro-o à frente da televisão que ainda estava a transmitir a última parte da audiência. Pouco tempo depois ele vem ter comigo e diz-me: «Sabes, arrependi-me um bocadinho de te ter proibido de ir». Espantada com esta afirmação, depois de um instante de embaraço, pergunto-lhe o motivo e responde-me: «Vi o encontro na televisão. O Papa disse coisas mesmo bonitas. Teria gostado que a minha filha estivesse lá presente. Queria pedir-te desculpa. Tenho mesmo pena». Surpreendeu-me tanto e fiquei tão espantada que nem consegui dizer-lhe uma só palavra! Nunca me tinha acontecido que o meu pai me pedisse desculpa por uma escolha feita sobre mim, dando-se tanto conta da importância daquele gesto que conseguia tornar verdadeiro e humano até ao fundo em relação a mim. Mais tarde, depois, vi a gravação do encontro e o meu pai quis revê-la e comentá-la comigo. Foi um momento para mim muito significativo, porque me fez dar conta do valor da audiência com o Papa, até mesmo não tendo ido. Para mim, por isso, paradoxalmente e inesperadamente, Roma foi dar aquele passo fundamental em casa na relação com o meu pai, que já vejo crescer aos meus olhos.*

Obrigado. É impressionante, porque até mesmo uma coisa que, aparentemente, pode parecer contra nós, se torna parte do acontecimento porque, como diz o capítulo terceiro, «não cai uma folha sem que Deus o queira» (pág. 42). Nós não sabemos *a priori* como é que Deus poderá usar até mesmo esta circunstância (não poder cumprir um desejo nosso) para acontecer de maneira diferente de como imaginávamos. E esta é a modalidade através da qual nós vemos quem Deus é, descobrindo a Sua pertinência para todos os aspetos da vida. Se nós queremos deitar qualquer coisa fora do real, das circunstâncias da vida, então bloqueamo-nos constantemente, porque não estamos disponíveis à modalidade como Deus nos poderá fazer surpreender quem Ele é. Somos tontos, porque quando não vemos que Deus pode usar uma certa circunstância, então queremos excluí-la porque pensamos que não tenha nada a ver.

Depois, a uma certa altura, descobrimos que tem a ver, e não é pouco! Amiga, esta é a modalidade com que o Mistério te deu de novo aquilo que pensavas que já te tinha tirado.

*Vim do Papa contigo, mendicante da grande Presença, concreta, tão concreta como um filho que encontra o pai. E, de um certo ponto de vista, fui ajudado nisto porque tenho um problema sério neste período e, por isso, ir ter um encontro celebrativo em massa não me bastava.*

Nem a mim!

*Por outro lado, vi como te interessava ir ao Papa, e por isso confiei. Agora não quero virar a página, quase que a dizer: voltemos à Escola de Comunidade, Roma acabou ali, como um parêntesis. Não quero mesmo perder o impacto das palavras que o Papa nos disse. Por isso, fiz uma espécie de releitura, sem me poupar a mim nem a ti. Queria saber o que é que tu percebeste quando o Papa nos disse de descentrar do carisma e centrar-nos em Cristo, e como é que isto não contradiz aquilo que nós nos dizemos: identificar-se com o carisma. Porque na minha vida, o carisma do Gius, que continua na companhia do movimento e contigo, é a mão de Jesus que me toca pessoalmente. Eu, sinceramente, não tenho outra via mais direta para chegar a Jesus que não seja identificar-me com o carisma. Não sei se tu tens, ou se há uma contradição.*

Respondendo a esta tua pergunta, posso sintetizar o que vivemos juntos. Fomos a Roma para colocar ao Papa uma pergunta: como não perder a frescura do carisma? Era a pergunta que o Papa Francisco tinha feito no encontro com os Movimentos, e é a urgência maior. E como respondeu o Papa a este nosso pedido? Para mim – visto que me perguntas o que aconteceu a mim – não respondeu só com as palavras: Cristo respondeu-nos através daquilo que fez acontecer. E cada um deve olhar para o que aconteceu ali, porque não estávamos na praça sozinhos, não, estávamos presentes cada um pessoalmente e juntos, participando num gesto. Então: o que é que aconteceu? Ali cada um de nós fez a verificação. Primeiro uma intervenção contava sobre aquele rapaz que pôde reconhecer o que lhe aconteceu através da natureza da necessidade que tinha. Em São Pedro cada um de nós pôde surpreender-se reconhecendo com que necessidade foi (não a imagem da necessidade que se tinha, mas a necessidade real, com a disponibilidade do coração!); e pôde ver o que aconteceu. De facto, podemos participar num gesto e não ver nada. Que é exactamente o que está escrito no início do *Porquê a Igreja*. Não basta ver uma vida como a Igreja para a reconhecer; a dificuldade que temos *arquiconvencida* diz Giussani – é que se falta uma abertura, o sentido religioso, nós não percebemos, não conseguimos captar o que acontece. Portanto, diante de um gesto como a audiência, todos demos por nós a surpreender uma ou outra das três atitudes que estudámos no segundo capítulo da EdC. Há quem tenha ficado preso na avalanche das opiniões, ou seja não viveu algo de verdadeiramente significativo que se tenha imposto sobre as interpretações. Há quem tenha percebido um calor sentimental, que porém ficou em risco mal os jornais deram as suas interpretações –, como me diziam alguns amigos quando estive no Brasil: no dia seguinte, vendo os jornais, apesar da experiência que tinham feito, pensavam que o único modo para conservar aquele intimismo cálido fosse recusarem-se a lê-los! -. E por fim há quem tenha participado num evento integralmente humano, pelo qual foi liberto do próprio racionalismo, da própria medida, da própria interpretação, e nada pôde retirar o embate daquilo que aconteceu, tanto que dura ainda hoje. Cada um de nós fez uma experiência em Roma, e a verificação daquela experiência é o que aconteceu depois, também no modo de enfrentar as diversas interpretações de uns e outros, daqueles “de dentro” como daqueles “de fora” (porque não há diferença, não há “dentro” e “fora”, de um certo modo). O cego de nascença viveu um evento, e não é que Jesus tenha ficado com ele depois do milagre: «Agora fico contigo, assim podemos enfrentar juntos a luta contra os fariseus que vão vir aqui dar-te na cabeça com as suas interpretações». Não, Jesus curou-o, fê-lo viver uma experiência graças à qual podia não permanecer preso nas interpretações ou na conservação intimista do conforto experimentado;

lançou-o no meio da multidão, foi embora: «Tu tens tudo o que precisas para enfrentar tudo». Cada um de nós deve olhar o que aconteceu: se ficou confuso, se ficou bloqueado, ou se, como aconteceu ao cego de nascença, todas as dificuldades, todos os desafios que teve de enfrentar, o convenceram verdadeiramente mais do que lhe acontecera: «Eu não preciso de nada para além do que me aconteceu». Ao cego de nascença bastou uma lealdade simples com o que lhe fez aquele Homem: «Eu antes não via, agora vejo». E nada conseguiu demovê-lo desta evidência. Então, quando cada um é desafiado pelo trabalho ou por problemas vários, por uma interpretação ou pelas dificuldades da vida, deve ver se lhe aconteceu como ao cego de nascença. Verificamos o que verdadeiramente aconteceu em Roma, não só voltando à experiência vivida ali, mas também em tudo o que acontece depois, que nos faz perceber ainda mais o que aconteceu. É todo um processo de compreensão do que aconteceu em Roma que nos levará nos próximos tempos a poder captá-lo em toda a sua profundidade. Porque quando alguém tem clara a necessidade, não se confunde sobre o que é importante. Pessoalmente, só o facto de ter ouvido de novo falar de Cristo como fez o Papa, de tê-Lo visto reacontecer em mim em relação à minha necessidade, em relação ao meu mal, em relação à minha insuficiência, deixou-me de tal modo grato, de tal modo feliz que foi precisamente o reacontecer daquela libertação – é o encontro que nos liberta – das minhas preocupações ou do meu racionalismo ou do meu modo de olhar-me a mim e à realidade. Por outro lado, há quem, um instante depois do fim do gesto, já estava enrodilhado nas interpretações. Como podemos perceber o que aconteceu? Basta que cada um faça a comparação daquilo que viveu com o paradigma do encontro. E qual é o paradigma do encontro que *don* Giussani nos pôs sempre diante dos olhos (como fez também o Papa a 7 de Março)? Leiamos: «Imaginem aqueles dois que o estão a ouvir algumas horas e então depois têm ir para casa. Ele despede-se deles e voltam silenciosos [primeiro sinal que todos podem verificar: o que faz ficar silenciosos?]. Silenciosos porque invadidos pela impressão que tiveram do mistério ouvido, pressentido, sentido [invadidos: segundo sinal]. E depois separam-se: cada um dos dois vai para sua casa [como nós, começamos a despedir-nos uns dos outros, apanhamos o comboio para voltar para casa]. Não se despedem, não porque não se despeçam, mas despedem-se doutro modo, despedem-se sem se despedir, porque estão cheios da mesma coisa [terceiro sinal], são uma coisa só eles os dois, tão cheios que estão da mesma coisa [não porque estão juntos; cada um se separa, vai para sua casa, mas não podem ir para casa sem estar cheios da mesma coisa, permanecem juntos mesmo se cada um vai para sua casa, porque partilham a coisa mais querida]. E André entra em sua casa e pendura a cpa, e a mulher diz-lhe: “Mas, André, o que tens? Estás diferente [quarto sinal], o que é que te aconteceu? [Como o nosso novo amigo: “O que te aconteceu? Quase desatámos à pancada, não nos falamos há um mês... Porque esperaste por mim para jantar comigo e para me perguntar como estou?”]”. Imaginem-no a ele como que desatasse num pranto abraçando-a, e ela que, desconcertada com isso, continuasse a perguntar-lhe: “Mas o que tens?”. E ele a apertar a sua mulher, que nunca se sentiu abraçada assim na sua vida: era outro [quinto sinal]. Era outro! Era ele, mas era outro. Se lhe tivessem perguntado: “Quem és?”, teria dito: “Percebo que me tornei noutro”» (L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, Bur, Milano 2014, p. 48). Cada um pode ver o que aconteceu. Este é o termo de comparação. Este é o carisma! Em Roma aconteceu de novo o carisma? Como aconteceu? Porque cada um, qualquer que seja a modalidade com que chegou, se esteve disponível, foi descentrado das preocupações que tinha, dos imbróglis, das armadilhas, e foi tomado de novo por Cristo. Então é com isto nos olhos que devemos reler o texto do Papa para perceber o que significa «descentrar-se», como nos ensinou sempre a Escola de Comunidade, como nos dissemos sempre: «*In manibus nostris sunt codices, in oculis nostris facta*» (Santo Agostinho, *Sermo sancti Augustini cum pagani ingrederentur*), nos nossos olhos os factos, nas nossas mãos os códigos, isto é, os textos. Voltemos assim a ler aquilo que o Papa nos disse, para o podermos perceber, para não pôr em contraste coisas que não estão de todo em contraste, porque Cristo

fez acontecer primeiro aquilo que verdadeiramente nos devemos dar conta. Percebem que se isto não acontece isto, nós não nos descentramos? É preciso que aconteça constantemente. Que é exactamente aquilo que fez sempre *don* Giussani connosco, porque nós muitas vezes, mesmo vivendo o carisma – não porque nos tivéssemos ido embora, mas vivendo o carisma! –, nos afastamos. Dizia em 1982: «Noutro dia, numa reunião em Milão [já o tinha citado nos Exercícios da Fraternidade de 2013], observava que, nestes anos, desde há uns quinze a esta parte [não de há dois dias atrás!] [...] todo o esforço de actividade associativa, operativa, caritativa, cultural, etcetera] [...] teve certamente a finalidade de mobilizar-nos a nós e às coisas [e isto tomou vantagem] [...] Mas no início [...] não foi assim [e todos estávamos ali a viver o carisma, mas *don* Giussani diz-nos: “No início não foi assim] [...] no início [...] não se construiu sobre os valores que Cristo nos tinha trazido, mas construiu-se sobre Cristo, tão ingenuamente quanto quiserem [construía-se sobre] [...] o facto de Cristo, e por isso o facto do Seu corpo [...], da Igreja. No início construía-se, tentava-se construir sobre uma coisa que estava a acontecer [...] [e] esta era uma posição pura [...] Por tê-la como que abandonado, tendo alinhado numa posição que foi, acima de tudo apetecia-me dizer, mais uma “tradução cultural” do que o entusiasmo por uma Presença, nós [precisamente porque nos afastámos], não conhecemos [...] Cristo.» (A obra do movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação, São Paulo, Cinisello Balsamo-Mi 2002, pp. 100-101). Menos mal que Giussani, fazendo-o acontecer diante de nós – e Giussani parece-me que perceba alguma coisa do carisma! –, não nos consentiu perder o carisma pelo caminho (o Papa foi muito terno em relação a Giussani, percebem?). Ajudou-nos a refazer a experiência do carisma, fazendo-o acontecer segundo a sua natureza, que é o acontecimento cristão. Foi a isto que Giussani nos introduziu constantemente, e constantemente nos ajudou a não nos afastarmos disto, a descentrar-nos de tudo aquilo que prevalecia, como Jesus fez desde o início. Quando Jesus manda os discípulos em missão (não a roubar) e eles voltam contentes daquilo que tinham feito, diz-lhes. “Não se alegrem com isto, porque isto não serve para viver. Alegrem-se antes que os vossos nomes estejam inscritos no Céu». Jesus descentra-os constantemente, e depois podemos ler toda a vida de Jesus com os discípulos como um descentrar constante, até ao foto-finish, quando o Evangelho já está a acabar: «Pedro, tu amas-Me?», «Sim», «Então segue-Me». Começa a segui-Lo, e no último minuto Pedro diz: «E do João que vem atrás de nós o que fazemos?», «Deixa, descentra-te e segue-Me!». É isto que temos diante de nós agora para poder descobrir, não simplesmente raciocinando mas através do testemunho recíproco, aquilo que acontece, aquilo que nos impressiona, aquilo que Ele continua a operar no meio de nós para nos ajudar a perceber. É uma hipótese de trabalho a verificar, uma surpresa a descobrir, pessoalmente e em conjunto. Depois encontrar-nos-emos nos Exercícios da Fraternidade.

A próxima Escola de Comunidade será 4ª feira, dia 20 de Maio às 21H30. Saltamos Abril porque são os Exercícios da fraternidade. Começaremos juntos a trabalhar sobre a Introdução. Até aos Exercícios das Fraternidade continuamos a trabalhar o terceiro capítulo da Escola de Comunidade. Não são duas coisas desligadas. Vimos como o gesto do Papa serviu para perceber a Escola de Comunidade e como a Escola de Comunidade nos ajuda a perceber o gesto com o Papa.

Desdobrável com o texto do Papa Francisco. Como viram, realizamos um desdobrável com o texto do discurso do Papa Francisco na audiência de 7 de Março. Fomos a Roma perguntar ao Papa como não perder a frescura do carisma e o Papa respondeu-nos. «*Roma locuta, causa finita est*» (Roma falou, a causa está definitivamente encerrada). A primeira questão não é acrescentar outras palavras, mas levar a sério a proposta séria e começar a vivê-la como hipótese de trabalho. Só assim poderemos ver como as palavras que o Papa nos disse iluminam a vida. Este trabalho ajudar-nos-á também a nos prepararmos para os Exercícios da

Fraternidade. Se alguém quiser enviar contributos sobre a experiência feita ou perguntas que surgiram neste trabalho, que possam servir para os Exercícios, pode enviá-los para o endereço definido para esta EdC: [sdccarron@comunioneliberazione.org](mailto:sdccarron@comunioneliberazione.org), indicando no assunto “Exercícios Fraternidade”.

Manifesto de Páscoa. O texto do Manifesto de Páscoa é um trecho do discurso de 7 de Março. Podia ser de outra maneira depois daquilo que o Papa nos disse? «Tudo na nossa vida, tanto hoje como na época de Jesus, começa com um encontro. Um encontro com este Homem, o carpinteiro de Nazaré, um homem como todos e, ao mesmo tempo, diferente. Pensemos no Evangelho de João, onde ele descreve o primeiro encontro dos discípulos com Jesus (cf. 1, 35-42). André, João e Simão: eles sentiram-se fitados até ao seu íntimo, profundamente conhecidos, e isto gerou neles uma surpresa, uma admiração que, imediatamente, os levou a sentir-se ligados a Ele... Falando sobre o encontro, vem-me ao pensamento «A vocação de Mateus», o quadro de Caravaggio que eu admirava prolongadamente em São Luís dos Franceses, cada vez que vinha a Roma. Nenhum daqueles que estavam ali, nem sequer Mateus, ávido de dinheiro, conseguia crer na mensagem do dedo que o indicava, na mensagem daqueles olhos que o fitavam com misericórdia e o escolhiam para o seguimento. Sentia o espanto do encontro. O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo. (Papa Francisco)». É um texto a ter diante dos olhos para ter uma imagem plena do espanto de uma Presença. É impossível olhar o rosto de Mateus sem ver dentro dele todo o olhar do qual ele é objecto.

O Livro do mês para Abril e Maio será *Un'attrattiva che muove. La proposta inesauribile della vita di don Giussani*, (Bur), uma recolha de intervenções de personalidades que apresentaram a *Vita di don Giussani*.

A próxima Semana Santa que começaremos proximamente, nos coloque nesta posição: identificarmo-nos com Cristo que veio precisamente para que a nossa vida não esteja em pedaços. Por isso sustentemo-nos e peçamos uns pelos outros.

Boa Páscoa a todos!

*Gloria*

*Veni Sancte Spiritus*